



CONSTRUÇÕES NOMINAIS E NOMINALIZAÇÃO EM MAWÉ (TUPI)

NOMINAL CONSTRUCTIONS AND NOMINALIZATION IN MAWÉ (TUPI)

Raynice Geraldine Pereira da Silva¹

RESUMO

Este trabalho apresenta características das construções nominais em Mawé, língua também conhecida como Sateré-Mawé e Sateré, pertencente ao tronco Tupi e falada na região do médio Rio Amazonas na Terra Indígena Andirá-Marau por uma população aproximada de 13 mil pessoas. A partir da tipologia funcional é possível descrever como ocorre a composição dos nomes em Mawé que trazem informações como posse, número e indicação de gênero, além de processo de nominalização a partir de um conjunto de morfemas nominalizadores. A metodologia para coleta de dados é de base etnográfica com pesquisa de campo e tratamento dos dados coletados para análise a partir de textos coletados em sucessivos trabalhos de campo. A abordagem teórica é o da tipologia linguística para a descrição e análise dos processos formativos das construções nominais em Mawé a partir da proposta de descrição morfossintática de Payne (1997), Seki (2000), Givón (1985) e Lyons (1977). Os resultados demonstram que as composições nominais na língua são complexas e consideram informações semântico-pragmáticas presentes na cultura e que se refletem nas construções e composições nominais do Mawé. Os exemplos foram retirados de textos narrativos que demonstram a língua em uso e glosados de acordo com as orientações e recomendações propostas por *the leipzig glossing rules: convencions for interlinear morpheme by mopheme glosses*, com adaptações.

Palavras-chave: Sateré-Mawé; Tupi; Tipologia linguística; Construções nominais; Nominalização.

ABSTRACT

This work presents characteristics of nominal constructions in Mawé, language also known as Sateré-Mawé and Sateré, belonging to the Tupi trunk and spoken in the middle Amazon River region in the Andirá-Marau indigenous land by a population of approximately 13 thousand people. From the functional typology, it is possible to describe how the composition of names occurs in Mawé, which brings information such as possession, number and gender indication, in addition to the process of nominalization from a set of nominalizing morphemes. The methodology for data collection is based on ethnography with field research and treatment of the data collected for analysis from texts collected in successive field works. The theoretical approach is that of linguistic typology for the description and analysis of the formative processes of nominal constructions in Mawé based on the proposal for a morphosyntactic description by Payne (1997), Seki (2000), Givón (1985) and Lyons (1977). The results demonstrate that the nominal constructions in the language are complex and consider semantic-pragmatic information present in the culture and that is reflected in the nominal constructions and compositions of Mawé. The examples were taken from narrative texts that demonstrate the language in use and glossed according to the guidelines and recommendations proposed by *the leipzig glossing rules: convencions for interlinear morpheme by mopheme glosses*, with adaptations.

Keywords: Sateré-Mawé; Tupi; Linguistic Typology; Nominal constructions; Nominalization.

¹ Professora Associada II de Teoria e Análise Linguística da Faculdade de Letras/Universidade Federal do Amazonas, raynice@ufam.edu.br

Introdução

Os estudos de descrição e documentação das línguas indígenas brasileiras têm contribuído significativamente para o desenvolvimento dos estudos em teoria e análise linguística. Segundo Monte (2000, p. 183) são faladas na América Latina cerca de 400 línguas indígenas, aproximadamente metade delas são faladas no Brasil, principalmente na região amazônica. Apesar da aparente diversidade linguística do país, uma análise mais criteriosa da distribuição dessas línguas demonstra uma tendência de poucos falantes por língua, definindo assim uma situação linguística e social de línguas e povos minorizados frente à língua portuguesa e à sociedade envolvente. De fato a preocupação com a perda dessa diversidade linguística e com o crescente processo de descaracterização cultural tem feito com que muitas pesquisas de descrição e documentação sejam desenvolvidas por linguistas, antropólogos e, mais recentemente, pelos próprios indígenas que passam a tomar consciência de sua importância no cenário linguístico, social e cultural brasileiro.

Os dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)² apontam que há no Brasil 305 etnias diferentes e cerca de 274 línguas indígenas que são faladas no território nacional. Contudo, é preciso considerar que muitas línguas declaradas no censo podem ser variedades dialetais de uma mesma língua. Por sua vez, Rodrigues (2005) entende como diversidade e multiplicidade linguística no país cerca de 180 línguas indígenas, classificadas a partir de critérios genéticos cientificamente comprovados. O pesquisador aponta dois troncos linguísticos estabelecidos, o Tronco Linguístico Tupi com 10 famílias e o Tronco Macro-Jê com 12 famílias. Além desses troncos há cerca de 43 famílias linguísticas não classificadas em troncos e que muitas vezes se constituem no que se conhece como língua isolada, sem parentesco genético com outras línguas.

Sobre a necessidade de preservação desse patrimônio é preciso considerar que a proporção de falantes por língua não significa que essa diversidade esteja segura no Brasil. Grande parte são línguas faladas por menos de 6.000 pessoas, outras são faladas por menos de 1.000 e algumas possuem em torno de 20 falantes. Os dados demonstram a grande e urgente necessidade de conscientização mundial sobre a importância das línguas indígenas. A preocupação toma outra dimensão quando a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) instituiu o ano de 2019 como o Ano Internacional das Línguas Indígenas e o período de 2022 a 2032 como a Década Internacional das Línguas Indígenas, declarada em reunião de encerramento das atividades daquele ano. Essas ações acontecem numa tentativa de alerta sobre a importância da preservação linguística das línguas indígenas ao redor do mundo. A própria UNESCO estabelece que línguas com menos de 100 mil falantes são línguas extremamente ameaçadas de extinção. No Brasil, todas as línguas indígenas possuem menos de 40 mil falantes.

² Disponível em <http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/ascom/2013/img/12-Dez/pdf-brasil-ind.pdf>. Acesso em 06/11/2010

A língua Mawé (também conhecida como Sateré-Mawé ou Sateré) é classificada como pertencente ao tronco Tupi, sendo membro único da família Mawé (RODRIGUES 1984/85) e falada pelo povo Sateré-Mawé, que vive na região do Médio rio Amazonas/AM. São cerca de 13 mil pessoas que habitam a Terra Indígena Andirá-Marau (TI Andirá-Marau). Esse quantitativo populacional não significa que todos são falantes da língua, grande parte é bilíngue ou, ainda, monolíngue em língua portuguesa, levando em conta fatores como o contato cada vez maior com a sociedade envolvente e o crescente processo de escolarização. (SILVA, 2010, p.77). Dessa forma, a língua Mawé figura como uma língua extremamente ameaçada de extinção, considerando os parâmetros da UNESCO para esse tipo de classificação³.

Este trabalho pretende apresentar por meio de uma abordagem tipológica como ocorrem as construções nominais em Mawé, considerando processos gramaticais como posse nominal, categorização de número e indicação de gênero, tendo em vista que a língua não tem marca morfológica para marcação de gênero. Apresenta também um conjunto de morfemas nominalizadores que derivam nomes, a partir de verbos em Mawé. A metodologia da pesquisa é de base etnográfica com pesquisa de campo para coleta e análise preliminar dos dados ainda em campo e posterior descrição e documentação dos dados. A maioria dos exemplos apresentados neste trabalho é parte de um banco de dados da língua Mawé transcritos e que foram glosados de acordo com as recomendações propostas por *The Leipzig Glossing Rules: Conventions for interlinear morpheme by morpheme glosses*⁴, com adaptações.

A Tipologia Linguística como abordagem teórico-metodológica para a pesquisa etnográfica em línguas indígenas.

Estima-se que no mundo existam cerca de 6 mil línguas que são faladas por diferentes povos, considerando que entre essas línguas possam existir diferenças dialetais relevantes, esse número sobe para aproximadamente 7 mil línguas, demonstrando a diversidade linguística e cultural mundial (SONG, 2001, p.1).

A tipologia linguística reconhece que, apesar das diferenças externas, há padrões estruturais subjacentes que determinam um princípio. Segundo Maia (2006, p.179) “a discussão sobre a possibilidade de se estabelecerem tipos, regras gerais, universais é, na verdade, bastante antiga, estando na base do conhecimento humano”. Assim, para os estudos em tipologia linguística a necessidade de classificação é fundamental para o conhecimento dos padrões

3 Amaral (2020) observa que um grupo de especialistas da UNESCO e consultores *ad hoc* considerou, em 2003, uma lista de nove fatores para medir o grau de vitalidade de uma língua. São eles: grau de transmissão intergeracional, número absoluto de falantes, proporção de falantes na população, domínios de uso da língua, adaptação a novos domínios, materiais existentes para educação, políticas públicas e reconhecimento institucional, atitudes linguísticas da comunidade e quantidade e qualidade da documentação linguística.

4 Disponível em <https://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php>. Acesso em 04/01/2021

subjacentes presentes nas línguas que são geneticamente classificadas como pertencentes a um mesmo tronco e/ou família linguística. Maia (*op.cit*) aponta ainda que os estudos em tipologia se aproximam de uma metodologia científica de investigação que se baseia na caracterização e, conseqüentemente, classificação adequada das similaridades entre os fenômenos linguísticos que acontecem nas línguas do mundo.

A tipologia linguística como abordagem tipológico-funcional vem de uma proposta de investigação de natureza classificatória. No século XIX percebeu-se um maior desenvolvimento científico quando, a partir da estrutura dos vocábulos, houve a classificação tipológica das línguas em isolantes, aglutinantes e flexionais. Segundo Maia (2006, p.180), esse enfoque mais classificatório predeterminou os estudos em tipologia linguística durante um longo período. Somente a partir do estruturalismo com os universais de Greenberg (1973) e Comrie (1981), entre outros autores, é que a abordagem passou a verificar o que havia de comum e o que havia de singular entre as línguas geneticamente relacionadas. Comrie (1981, p. 34) faz a seguinte distinção: “o estudo dos universais está centrado nas similaridades entre as línguas e os estudos tipológicos ocupam-se das diferenças entre as línguas”. De fato, apesar das diferenças, as linhas de pesquisa se complementam, considerando que ambas investigam a variação entre as línguas.

Seki (1990, p.47-19) assinala que várias teorias linguísticas têm sido beneficiadas pelos estudos em tipologia linguística. Fenômenos como ordem vocabular, marcação de caso, aumento e redução de valências e outros mais, são aspectos das línguas em que a abordagem tipológico-funcional atua e que abrange os diferentes níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico de análise da organização do sistema linguístico (MAIA, 2006 p. 181).

Nesse sentido, por meio da abordagem da tipologia funcional, apresentamos a descrição e análise das construções nominais em Mawé, a partir de um banco de dados construído ao longo de vários anos de pesquisa sobre a língua. São dados coletados em sucessivas pesquisas de campo e que permitem análises de processos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, além de permitir a documentação de uma língua indígena extremamente ameaçada de extinção, como a língua Mawé (Tupi).

A aproximação metodológica da pesquisa é de base etnográfica com sucessivas idas a campo desde 2003, momento em que foram feitos os primeiros registros para o banco de dados sobre a língua Mawé. Basicamente, os dados são coletados e transcritos para posterior comprovação com o participante da pesquisa ainda em campo. Esse banco de dados é composto de registros de expressões orais em Mawé, tais como: conversas informais, diálogos, relato de mitos e histórias, textos narrativos, entre outros. Incluem-se também dados coletados através de questionários apresentados nos formulários padrão do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1965) e os questionários lexicais e gramaticais de Kaufman e Berlin (1987).

Ressalte-se que as coletas de dados linguísticos e etnográficos seguem as recomendações presentes nos trabalhos de Payne (1997) e Kibrik (1977) para a descrição morfossintática das línguas considerando que aspectos gramaticais estão muito relacionados a aspectos semântico-pragmáticos e culturais refletidos nos usos das línguas.

Características Tipológicas da língua Mawé

Como dito anteriormente, a língua Mawé é classificada como pertencente ao tronco Tupi, sendo membro único da família Mawé, falada por comunidades indígenas que se localizam ao longo dos rios Andirá, Marau, Urupadi, Uaicurapá e Abacaxis da TI Andirá-Marau na região do médio Rio Amazonas, entre os estados do Amazonas e do Pará. Na região do Rio Andirá há registros de contato entre o Mawé e o Nheengatu (também pertencente ao tronco Tupi, família Tupi-Guarani, subgrupo III) que, segundo Silva (2010, p.62-64), proporcionou influências fonológicas e lexicais entre as línguas.

Seki (1990 p. 367) observa que “o determinante semântico de línguas ativas é oposição entre princípios ativo e inativo, a qual se manifesta nos diferentes níveis da estrutura linguística”. Ainda segundo Seki (*op.cit*) são características dessas línguas a ausência de uma classe definida de adjetivos e a distinção entre as classes de nomes e verbos se dá com base nas relações de atividade e inatividade expressas (SILVA, 2010 p. 116).

Sobre a tipologia da língua, observa-se que o Mawé é uma língua do tipo ativa, considerando que não apresenta uma classe definida de adjetivos. Por outro lado, distinguem duas subclasses de verbos intransitivos, sendo classificados em intransitivos ativos e intransitivos não ativos (descritivos), estes últimos correspondem em línguas indo-europeias a adjetivos. Em Mawé a classe de verbos não ativos compreende verbos que indicam qualidade, mas também inclui verbos como *-potpap* ‘trabalhar’ e *-hay*⁵ ‘falar’ que, em princípio, estão associados a participantes com controle. Lyons (1977, 203) pontua que as línguas são integradas nas culturas e suas estruturas lexicais e parte dos fenômenos gramaticais da estrutura linguística refletem as distinções e características importantes na cultura.

De fato, Silva (2010, p.117) observa que em Mawé as duas classes de verbos intransitivos não se correlacionam sistematicamente com oposição entre participante com controle vs. participante sem controle, o que permite que a língua faça a distinção entre os dois tipos de participantes: marcadores pronominais da classe ativa, que indicam o agente dos verbos transitivos (A) e dos verbos intransitivos ativos (Sa) e marcadores pronominais da classe não ativa (inativa), que indicam o paciente dos verbos transitivos (O) e o participante único (So) dos verbos intransitivos não ativos.

A tipologia de ordem vocabular do Mawé é do tipo AVO para orações transitivas e SV para as intransitivas. Em caso de ocorrência de fatores contextuais como foco, tópico e nas construções genitivas, ordens alternativas podem ocorrer.

A morfossintaxe da língua Mawé foi descrita por Silva (2010) que, com base em critérios morfológicos e sintáticos, identificou, como classes de palavras abertas, nomes, verbos e advérbios e, como classes fechadas, pronome, posposição, partículas e auxiliares.

5 Utiliza-se a transcrição gráfica do Mawé. Dessa forma, a letra <y> é utilizada na ortográfica correspondendo foneticamente à vogal central alta [i].

Construções Nominais em Mawé⁶

Os nomes em Mawé constituem uma classe aberta de palavras que expressam conceitos temporalmente estáveis (GIVÓN, 1984, p.05) e admitem marcadores de posse e número. Sintaticamente, assumem a função prototípica de argumento ou núcleo de argumento.

Como marcadores de posse, o Mawé distingue três subclasses de nomes, que são: i) nomes não possuíveis, ii) nomes que são de posse alienável e iii) nomes inalienavelmente possuídos. A marcação de número na língua é feita pelo acréscimo do formativo *-tia* (com alomorfes em *-ria* e *-nia*), cujos referentes são [+humano] e pelas partículas *in* e *ko'i7*, que marcam o coletivo em termos referentes a [+humano] e plural de entidades não animadas, respectivamente. A indicação de gênero não é marcada morfologicamente nos nominais, sendo expressa por lexemas distintos e na terminologia de parentesco. A língua admite um conjunto de morfemas nominalizadores para derivar nomes, a partir de verbos e advérbios. Nesse conjunto se enquadram o morfema *hap* ‘nominalizador de ação’, o morfema *hat* ‘nominalizador agentivo’, o morfema *-mi-* ‘nominalizador de paciente/objeto’, o morfema *-wat* ‘nominalizador de circunstância’ e o morfema *rakat* como ‘nominalizador atributivo’.

A categoria de posse em Mawé

Como dito acima, em Mawé semanticamente, é possível distinguir três subclasses de nomes. Os nomes não possuíveis fazem referência a elementos da natureza, animais e plantas de maneira geral. Palavras como *atypy* ‘céu’, *akuri* ‘cotia’, *ahut* ‘papagaio’, *aria* ‘fogo’, *apukuita* ‘remo’ e *yara* ‘canoa’ podem ser classificadas como não possuídos. Morfologicamente a classe de nomes não possuíveis se opõe aos nomes possuídos (de posse alienável e inalienável) por não terem em sua composição mórfica os morfemas pronominais de posse.

Já os nomes possuíveis distinguem-se semanticamente nos tipos de posse alienável e posse inalienável. A primeira configuração morfológica pode ser tipologicamente determinada, ao passo que a segunda não pode (PAYNE, 1997 p.105). São exemplos, respectivamente:

- (1) *u-he-kyse*
 1SG-rel-faca
 ‘minha faca’ (instrumento - posse alienável)

6 As abreviaturas usadas neste artigo são: SG= singular, PL= plural, Ø= morfema zero, rel= índice de relação, FM=fala feminina, POSP= posposição, LOC= locativo, ASP= partícula aspectual, CONST= partícula constatativa, DIN= partícula dinâmica, INTER= partícula interrogativa, REFL=reflexivo, ENF= partícula enfática, POSS=possessivo, COMT= partícula comitativa, NMLZ= nominalizador, FIN= partícula aspectual de finalidade, COND= partícula condicional, NEG=negação, ORI= partícula aspectual de origem, ATEST = partícula atestativa, NP= nome próprio, AUX= verbo auxiliar, REP= repetitivo, DEST= destino, NOM= nominal, REC=recíproco, DEM= demonstrativo, ADV=advérbio, FRUST= partícula frustrativa, DESD= partícula desiderativa, FUT= futuro, DET=determinante, Dist= distal, RET=retrospectivo.

7 Utiliza-se a transcrição gráfica do Mawé. Dessa forma, o diacrítico < ’ > utilizado na grafia da língua correspondendo fonologicamente à oclusiva glotal /ʔ/.

- (2) *u-i-po*
1SG-rel-mão
'minha mão' (parte do corpo – posse inalienável)

Como nomes alienáveis têm-se termos para instrumentos, utensílios domésticos e de caça, alguns animais domésticos, etc. Já como inalienáveis e/ou inerentes tem-se nomes das partes do corpo e termos de parentesco.

- (3) *mi'i hawyi aware wywo Ø-to-to*
ele então cachorro COMT 3SG-rel-ir
então ele foi com o cachorro
- (4) *hawyi to-i-mohan kahato akuri*
depois 3SG-rel-correr muito cotia
depois ele correu muito [atrás] da cotia.
- (5) *moi Ø-Ø-tat rayn u-ha-'aware pãi*
cobra 3SG-rel-pegar ASP 1SG-rel-cachorro FM
'a cobra pegou meu cachorro'
- (6) *hawyi Ø-to-kosap hawyi to-i-atek to-i-'aping*
depois 3SG-rel-passar e 3SG-rel-cortar 3SG-rel-atirar
'e depois ele passou, cortou e atirou'
- (7) *hawyi to-i-'auka moi*
e 3SG-rel-matar cobra
'e matou a cobra'

Os exemplos em (3) e (7) são partes de uma narrativa que conta sobre um cachorro que quase foi morto numa caçada. Nos dados tem-se o termo *aware* 'cachorro' que se apresenta em (1) como nome não possuído, bem como *akuri* 'cotia'. Já em (3) o mesmo termo já apresenta marca de posse alienável e o índice de relação (relacional) que também recebem uma subclassificação, como descreveremos a seguir.

Silva (2010, p. 211) apresenta algumas partículas que nas narrativas funcionam como marcadoras do discurso e que ao longo dos textos parecem ter a função de marcar a narração e, ainda, prender a atenção do ouvinte. De fato, a gravação das narrativas demonstra que, além desses marcadores gramaticais, o narrador se vale de artifícios tanto oracionais como repetição, ênfase, focalização, quanto gestuais apresentando, com gestos e, na medida do possível, a reprodução da cena.

Os trechos acima mostram também o funcionamento de marcadores discursivos tais como as partículas *hawyi* que também é conjunção e funciona como coordenativa de constituintes em locuções coordenadas, como exemplificado em (8), abaixo, e o pronome pessoa independente *mi'i* que marca a terceira do singular 'ele'.

- (8) *e-re-to no hawyi e-re-ha 'at*
 2SG:A-rel-ir EXOR CONJ 2SG:Arel-ver
 'vá e veja'

Elementos pronominais da categoria de posse em Mawé

A tipologia linguística da categoria de posse em Mawé segue o que acontece em outras línguas do tronco Tupi. Isso significa que a posse é indicada pelo índice de relação (relacional) com o nome e, ainda, por marcadores de pessoa presentes nas construções nominais. O quadro a seguir apresenta os elementos pronominais presentes para a marcação de posse, bem como o índice de relação (marcadores relacionais) na língua.

Quadro 1: Elementos pronominais da morfossintaxe nominal

Pessoa	Marcadores de Posse	Subclasses dos Índice de relação (relacionais)		
		Classe 1	Classe 2	Classe 3
1SG	u-	he-	i-	e- <i>het</i>
2SG	e-	e-	Ø-	e- <i>set</i>
3SG	Ø-	he-	i-	Ø- <i>het</i>
1PL.INCL	a-	he-	i-	a- <i>het</i>
1PL.EXCL	uru-	e-	Ø-	uru- <i>set</i>
2PL	e-	he-	i-	e- <i>het</i>
3PL	i'atu-	e-	Ø-	i'atu- <i>set</i>

Fonte: SILVA (2010) com adaptações.

O quadro 1 traz as informações sobre os elementos pronominais da morfossintaxe da língua, que são os pronomes clíticos envolvidos na marcação de posse e os índices de relação (relacionais) divididos em três subclasses. Conforme se verifica no quadro, o Mawé é uma língua que tipologicamente distingue com marca morfológica e com elementos pronominais independentes as primeiras pessoas do plural em: i) 1PL.INCL 'nós' quando faz referência não só aos presentes, mas a todos envolvidos numa determinada situação; e ii) 1PL.EXCL 'nós' quando exclui a segunda pessoa, ou seja, a quem se dirige numa situação de comunicação.

Os índices de relação da classe 1 indicam posse alienável, já os da classe 2 e 3 estão relacionados à posse inalienável. Silva (2010, p.145) pontua ainda que os relacionais da classe 3 fazem parte do radical nominal, sendo de difícil segmentação. No quadro acima o lexical *-het* 'nome' é usado para exemplificar a ocorrência. Observa-se ainda no quadro 1 (classe 3) a ocorrência de processo fonológico de alternância da consoante inicial do radical (*h ~ s*), o que é tipologicamente comum em línguas da família Tupi. Meira (2006) sugere a hipótese de que os elementos relacionais são, na verdade, reflexos e/ou resultados históricos desse tipo de processo de alternância fonológica.

Considerando os marcadores pronominais de posse e os índices de relação, seguem-se abaixo, exemplos de posse alienável:

- (9) *hawyi i'atu-e-yara i'aman Ø-tioto ne'i ra 'yn y'apo wato kape*
então 3PL-rel-canoa chuva 3SG-levar CONST ASP igapó grande LOC:DIN
'então a chuva levou a canoa deles para o igapó grande'
hawyi apo i'atu-'e – uwein Ø-he-ereto yara i'atu-'e
e INTER 3PL-dizer – quem 3SG-rel-ir canoa 3PL-dizer
'e eles perguntaram: – quem levou a canoa? Disseram'

No exemplo em (9), como parte de outra narrativa o nominal *yara* 'canoa' aparece com marca de posse alienável *i'atu-e-yara* (3PL-rel-canoa) 'canoa deles' para, em seguida na narrativa, no questionamento sobre quem levou a canoa, ficar sem a marca de posse. De acordo com Franceschini (1999, p.27), parece ocorrer um tipo de distribuição complementar para determinação de posse em construções genitivas. Assim se evita a homonímia entre as segundas pessoas do singular e do plural e também permite a distinção entre nomes predicados e de determinação genitiva (SILVA, 2010 p.150)

Como exemplo de posse inalienável, com os índices de relação das classes 2 (*i-* ~ *Ø-*) e exemplos da classe 3 (com alternância fonológica no radical) segue os paradigmas abaixo relacionados.

- (10) **-ty 'mãe'**
- | | |
|-------------------|----------------|
| <i>u-i-ty</i> | 'minha mãe' |
| 1SG-rel-mãe | |
| <i>e-Ø-ty</i> | 'tua mãe' |
| 2SG-rel-mãe | |
| <i>Ø-i-ty</i> | 'mãe dele' |
| 3SG-rel-mãe | |
| <i>a-i-ty</i> | 'nossa mãe' |
| 1PL.INCL-rel-mãe | |
| <i>uru-Ø-ty</i> | 'nossa mãe' |
| 1PL.EXCL-rel-mãe | |
| <i>e-i-ty</i> | 'mãe de vocês' |
| 2PL-rel-mãe | |
| <i>i'atu-Ø-ty</i> | 'nossas mães' |
| 1SG-rel-mãe | |

- (11) **-hãj ‘dente’**
u-hãj ‘meu dente’
 1SG-dente
e-jãi ‘teu dente’
 2SG-dente
Ø-hãj ‘dente dele’
 3SG-dente
a-hãj ‘nosso dente’
 1PL.INCL-dente
uru-hãj ‘nosso dente’
 1PL.EXCL-dente
e-hãj ‘dente de vocês’
 2PL-dente
’atu-jãj ‘nossos dentes’
 1SG-dente

O Mawé admite também as formas reflexivas para a categoria de posse. Nos exemplos, é possível também as construções *to-ty* (3SG.REF-mãe) ‘sua própria mãe’ e *to-hãj* (3SG.REFL-dente) ‘seu próprio dente’. Como dito anteriormente, a alternância fonológica da classe 3 entre /h/ ~ /s/ ~ /j/ apresentada nos exemplos tanto no paradigma em (11) quanto no quadro 1 parte da tipologia das línguas de origem Tupi e de ocorrência bastante comum.

Nas construções de locução nominal possessiva há justaposição dos elementos que podem ser os marcadores de posse e o nominal.

- (12) *u-i-wyt Ø-Ø-yke ’et*
 1SG-rel-amigo 3SG-rel-irmão mais velho
 ‘o amigo mais velho do meu irmão’
- (13) *u-he-yke ’et wyt sese*
 1SG-rel-irmão-amigo ENF
 ‘o melhor amigo do meu irmão’
- (14) *Ø-he-lapi*
 3SG:POSS-lápis
 ‘seu lápis’

Em (12) e (13) além da justaposição dos elementos pronominais, note-se que a locução pode expandir-se agregando modificadores aos nomes. Já em (14) de posse alienável, a construção POSS-[he]-nominal marca posse em nomes que são empréstimos da língua portuguesa. Silva (2010, p. 271) aponta que os marcadores de posse alienável implicam semanticamente em um maior distanciamento conceitual entre o possuidor e o que é possuído. Como ressaltamos anteriormente Silva (2010), Mithun (1991) aborda que esse tipo de construção aponta um participante médio que realiza a ação de adquirir um elemento possuído para seu benefício.

Como já mencionado antes, as construções nominais admitem locuções reflexivas *to-* ‘3SG.REFL’ e *ta’atu-* ‘3PL.REFL’ que codificam o possuidor ao sujeito da oração. São exemplos desse tipo de construções:

- (15) *ihainia in Ø-Ø-tuwat to-’yke’et wywo*
homem PL 3PL-rel-ir 3SG.REFL-irmão mais velho COMT
‘dois irmãos foram juntos’
- (16) *hawyi mu’ap tote mi’iria Ø-tu-nung ta’atu-yat*
e depois caminho POSP 3PL 3PL.A.rel.fazer 3PL.REFL-casa
‘e depois no caminho eles fizeram sua própria casa[possuída]’

A categoria de número em Mawé

O tipo mais comum de distinção de número nas línguas é entre singular e plural. Payne (1997) aponta ainda como possibilidades de distinção: i) singular vs. dual vs. plural e, ainda, ii) singular vs. dual vs. trial vs. plural. Dual fazendo referência a dois itens, enquanto que trial refere-se a três itens. Segundo o autor, as duas últimas são codificações da categoria de número mais raras sendo mais comum a categorização fazendo oposição entre singular e plural (p. 96). Grande parte das línguas apresenta sistemas de marcação de número colocando elementos no singular como não marcado enquanto marcam o plural através de morfemas sufixais e por partículas marcadoras de plural.

Em Mawé, segue-se a tipologia mais comum para marcação de número marcando os nomes que são plurais através de morfemas formativos que indicam número e, ainda, por partículas que classificam os elementos como [+humano] ou [-humano]. Dessa forma, há uma subclasse de nomes cujo referente é [+animado] e [+humano] que são marcados pela partícula coletiva *in* e pelo morfema *-tia* (com alomorfa ~ *-ria* ~ *-nia*) para indicação de plural. Incluem-se nessa categorização nomes de pessoas e grupos que indicam coletividade. E outra subclasse de nomes marcados pela partícula *ko’i* que agrupa coletivamente entidades não animadas [-humana].

- (17) *mi’i hawyi ta’atu-Ø-puendi ra’yn mi’u wewato-moken⁸ ko’i*
e então 3SG-rel-achar ASP comida bicho-lugar PL
‘e eles acharam comida no lugar dos bichos’
- (18) *karaiwa in i-Ø-kuap hat-ria*
não índios PL 3SG-rel-conhecer NMLZ-PL
‘os brancos que conheciam ele’

8 A narrativa é sobre um lugar assombrado no meio do mato. Para a construção *wewato-moken* ‘lugar dos bichos (ou das assombrações) a tradução é aproximada, tendo em vista que, segundo o participante que narrou a história, não há uma tradução em português para essa construção.

- (19) *hawyi hiroka(t)-ria Ø-tuwat ra 'yn Ø-Ø-henoi hamo*
e criança-PL 3PL-ir ASP 3PL-rel-contar FIN
'e as crianças foram para contar para ele'
- (20) *mi 'i pote Ø-Ø-merep waku ma 'ato pira ko 'i i-Ø-wyt-ria i-Ø-nyt in*
e COND 3SG-rel- ser rápido bem mas peixe PL 3SG-rel-amigo-PL 3SG-rel-irmã PL
'e porque é bem rápido, mas peixes, amigos, irmãs'
- (21) *i-Ø-ywot in i-Ø-ty in pote yt=naku-'i moi piat Ø-he-katu 'u hap*
3SG-rel-pai PL 3SG-rel-mãe PL COND NEG=bom-NEG cobra ORI 3SG.A-rel-morder NMLZ
'pais, mães não é bom mordida dela [de cobra] '

No trecho da narrativa em (18) a partícula *in* está sendo usada para relacionar pessoas no coletivo, mas não é a forma habitual de uso. Para agrupamentos em classes, o mais usual é o morfema *-ria*. Sobre esse aspecto Franceschini (1999, p. 38 *apud* SILVA, 2010, p.154) observa que a organização social do povo Mawé está refletido no uso da língua. Dessa forma, a pluralização dos nomes inanimados [-humano] quando se referem aos clãs⁹ é marcada pelo morfema *-tia*.

Indicação de Gênero

A classificação nominal de gênero frequentemente está relacionada a fatores contextuais e extralinguísticos como mais ou menos humano e feminino vs. masculino. Payne (1997, p. 107) pontua que como classificação gramatical a indicação de gênero não necessariamente está diretamente relacionada com a classificação natural. Em geral, os sistemas gramaticais para a indicação de gênero envolvem a presença de classificadores usados no sistema linguísticos para todos ou alguns nominais quando a distinção não pode ser feita contextualmente em geral por meio de concordância.

Em Mawé, o gênero é expresso através de classificadores usados como lexemas distintos ou inferidos por fatores contextuais. Certas entidades com o traço [+ humano] usam termos distintos para a indicação de gênero. Incluem-se entre elas termos que indicação pessoas e a terminologia de parentesco. São exemplos:

(22)	<i>ihainia</i>	'homem'	<i>hariporia</i>	'mulher'
	<i>he'aito</i>	'marido'	<i>hary'i</i>	'esposa'
	<i>-ywot</i>	'pai'	<i>-ty</i>	'mãe'
	<i>hase'i</i>	'avô'	<i>hary</i>	'avó'

9 A organização social dos Sateré-Mawé é feita por clãs que são nomeados a partir de nomes de animais, exceto o clã Sateré com tradução aproximada de 'clã dos chefes'

- (23) *hary yt=ihap-tyting-'i rakat hary Naiá hat Ø-het*
avó NEG=olho-enxergar-NEG NMLZ avó NP NMLZ 3G-nome
'avó cega chamada Naiá'
- (24) *mi'i tan hanu'an Ø-saki'yt wywo i-hary'i wewat*
e ATEST macaco 3SG-filha COMT 3SG-esposa carrapato
'o carrapato tinha se casado com a filha do macaco'

A indicação de gênero em Mawé para algumas entidades como animais é indicada pelo acréscimo do classificador *wary'i* para 'mulher/fêmea' e *pa'iat* para 'homem/macho'. São exemplos:

- | | | | | |
|------|-----------------------|--------|----------------------|---------------|
| (25) | <i>waipaka pa'iat</i> | 'galo' | <i>waipaka</i> | 'galinha' |
| | <i>moi pa'iat</i> | cobra | <i>moi wary'i</i> | 'cobra fêmea' |
| | <i>awiato</i> | onça | <i>awyato wary'i</i> | 'onça fêmea' |

Silva (2010, p. 155) considera que certos termos de parentesco em Mawé tenham sido emprestados da língua portuguesa, como as denominações cunhado/cunhada *kunhatu/kunhata*. Da mesma forma, como a língua não usa marca morfológica para a indicação de gênero e sim lexemas distintos, como vemos nos exemplos acima, parece ter havido o empréstimo da marca morfológica *-a* para a designação de gênero feminino em construções como *hemiariru* 'neto' e *hemiarira* 'neta' e, também em neologismos para designar entidades que não pertenciam ao universo cultural dos Mawé como a figura do professor que em Mawé é designado como *puruwei* 'professor' com a indicação de gênero para o feminino como *puruweira* 'professora', claramente um tipo de construção da língua portuguesa. De fato, é possível constatar que a partir do contato cada vez mais frequente dos Mawé com a língua portuguesa e com o crescente processo de escolarização, cada vez mais há empréstimos e uma consequente substituição de alguns termos do Mawé por outro de língua portuguesa.

Outros Membros da classe dos nomes em Mawé

Alguns termos em Mawé desempenham funções argumentais de nomes. Seki (2000, p. 61) para a língua Kamaiurá os classifica com nomes interrogativos/indefinidos que podem receber sufixos casuais e desempenhar função de nome na estrutura morfossintática da língua. Em Mawé, palavras como *kan* e *kat* 'o que' e *uwen* 'quem' desempenham as funções argumentais de nomes quando em locuções nominais. São exemplos:

- (26) *kat kahu e-ti-'auka-'e*
INTER 3SG-ser bom 3SG-rel-matar-AUX
'o que foi de bom que você matou, disse'
- (27) *uwen i e-ti-kaykay-'e*
INTER REP 2SG-rel-chamar-AUX
'quem ele chama, disse'

(28) *hary kat karu ete a-re-'e*
 avó INTER 3SG-ser bom DEST 1SG-rel-dizer
 ‘vovó o que você tem. Eu disse.’

(29) *ma'ato hary u-i-wesat -yt=kat-'i*
 mas avó 1SG-rel-responder -NEG=NOM-NEG
 ‘mas a vovó me respondeu –nada’

Os exemplos de (26) a (29) para os interrogativos indefinidos são classificados como nominais e se equivalem sintaticamente aos nominais e podem ocorrer como sujeito e objeto de posições, como modificadores adnominais e como predicados de orações não verbais. Além desses, a língua também utiliza nominais indefinidos como *pyno* ‘primeiro/no início’ *turan* ‘fim/e foi assim’ que podem receber marca morfológica e desempenhar papel de nomes nas locuções nominais.

Nominalizadores em Mawé

Segundo Payne (1997, p.223) toda língua possui maneiras de ajustes das categorias gramaticais que acontecem de acordo com a necessidade contextual do falante/ouvinte. Um nome pode estar relacionado a um verbo de diferentes maneiras que pode ser para se referir a uma ação descrita pelo verbo ou, ainda, por um resultado de ação que tal verbo descreveu. Além dessas, morfemas nominalizadores podem indicar outras ações que são nominalizadas fazendo relação entre o conteúdo semântico do nome e o verbo que a originou.

A língua Mawé possui um conjunto de morfemas que derivam nomes, a partir de verbos. São nominalizadores que exprimem agentividade, ação, objeto/paciente nas construções intransitivas, nominalizador de circunstância e, ainda, um nominalizador atributivo.

O nominalizador *-hat* deriva nomes a partir de verbos transitivos e faz referência ao agente da ação.

(30) *Ø-het sadan-'e i ra'yn*
 3SG-nome Sadan-chamar REP ASP
 ‘agora se chama Sadan’
yt=naku-at-'i sese wo'o-'auka-hat Ø-set ewy ne'i ra'yn
 NEG=bom-NMLZ-NEG muito REC-matar NMLZ 3SG-nome igual CONST ASP
 ‘agora é bom [manso] tem nome de matador’

(31) *a-ti-'auka ra'yn u-he-moin hat-'e wawori*
 1SG-rel-matar ASP 1SG-rel-afundar NMLZ-dizer jaboti
 ‘matei o que me afundava, dizendo jaboti’

O morfema nominalizador **-hap** deriva nomes de ação a partir de verbos transitivos e intransitivos que expressam ação a partir do que conteúdo semântico indicado na base verbal. Em (31) indica a nominalização do verbo auxiliar **-'e**, considerando que o verbo auxiliar sempre assume a posição final na sentença. Indicam referentes entendidos como instrumentos da ação e indicam também lugares onde o evento que o verbo indica está localizado.

- (32) *mekepe weita Ø-Ø-wepy-hap kape rat Ø-Ø-'e awyato*
DEM pássaro 3SG-rel-cantar-NMLZ DIN ATES 3SG-rel-dizer onça
'para lá onde pássaro canta, disse onça'
- (33) *seke put'ok-i'atu-'e mi'u-mohiri-hap tote*
ADV chegar-3PL-AUX comida-assar-NMLZ LOC
'finalmente chegaram num lugar onde assavam comida'
- (34) *e-tikuap tan nasing e-Ø-'u turan u-he-piat hap*
2SG-rel-saber pouco FRUST 2SG-rel-comer DESD 1SG-rel-POSP
NMLZ
'bem que tu desconfiou que ia minha comida'
i-wyt-'ok Ø-Ø-akang
3SG-irmão-RECP 3SG-rela-cabeça
'[disse] a cabeça do irmão'

O nominalizador **-hap** também deriva nomes a partir de verbos de ação que indicam processos referentes ao conteúdo semântico do verbo.

- (35) *yty wawori wy-wuat to'o-ia'ang hap*
veado jaboti COMT-FUT REC-competir NMLZ
'a competição do veado com o jaboti'

O morfema nominalizador **mi-** compõe nome derivados de bases transitivas para indicar paciente/objeto.

- (36) *to-i-kuap historia hamo i-mi-entup ewy*
3SG-rel-saber história FIN 3SG-NMLZ-pedir igual
'para ela saber história como ela pediu igual'
- (37) *mi'i hawyi Ø-to-to y'y ete'i to-mi-kuap ete'i*
e depois 3SG-rel-ir água LOC 3SG-NMLZ-conhecer LOC
'e depois ele foi perto do rio que ele conhecia'
- (37) *hawyi to-tu-'u ra'yn i-mi-sey*
e 3SG-rel-comer ASP 3SG-NMLZ-assar
'ele comeu o que estava assando'

O nominalizador de circunstância em Mawé é o morfema **-wat** que deriva nomes de demonstrativos e que funcionam como adverbiais.

- (39) *hawyi ta'atu-erut hanu'an ta'atu-erut wawori mei-mu-e-wa(t)-ria*
então 3PL-trazer macaco 3PL-trazer jaboti DET-DEM-Dist-NMLZ-PL
'então eles trouxeram macaco, trouxeram jaboti são aqueles lá'
- (40) *uhewyry tyypy-wat*
1SG:A-rel-viajar dois-NMLZ
'eu viajei duas vezes'
- (41) *aiko-wat oken 'ypy y'y kapiat*
ADV-NMLZ porta água LOC
'qual porta dá [de frente] para o rio'
- (42) *nimo-wa(t)-ria*
ADV-NMLZ-PL
'os de antigamente'

O nominalizador atributivo **rakat** (~**takat** ~**nakat**) ocorre com verbos intransitivos ativos e não ativos (descritivos) derivando nominais que indicam atribuição dada ao sujeito.

- (43) *hary yt=iha-pynting-'i rakat*
Avó NEG=olho-enxergar-NEG NMLZ
'a vovó cega' (literalmente a vovó que é cega)
- (44) *pyno mesup ahenoi mana i-kitsyng nakat pe*
primeiro ADV 1SG-rel-contar senhora 3SG-ser branca NMLZ LOC
'primeiro' aqui vou contar para a senhora branca'
- (45) *hawyi to-i-puendi hun hakup te rakat*
e 3SG-rel-encontrar coco 3SG-estar quente RET NMLZ
'e encontrou coco ainda quente'

Os exemplos demonstram que o nominalizador **rakat** ocorre com verbos de função descritiva (intransitivos descritivos). Como pode ser constatado nos exemplos, os nominalizadores recebem sufixo de plural **-ria** que marca plural para entidades [+humana].

A derivação de verbos a partir de nominalizadores é bastante produtiva em Mawé. Sintaticamente, os nomes derivados dessa forma assumem função de argumento como sendo A e O para verbos transitivos e Sa e So para verbos intransitivos, dependendo da valência e da subclasse da raiz verbal, no tipo de morfema usado para o processo de nominalização e na codificação do argumento. A sintaxe que ocorre nas nominalizações e a expressão dos argumentos em Mawé são importantes na análise da subordinação.

Considerações finais

As construções nominais e a nominalização em Mawé conta com um conjunto de morfemas que derivam e compõem as estruturas nominais da língua. Por meio da tipologia linguística, é possível constatar que a classe de nomes é uma classe aberta com construções que admitem em sua morfologia marcadores de posse nominal, categoria de número e indicação de gênero, uma vez que o gênero não é marcado morfologicamente em Mawé e sim indicado através de fatores contextuais e através de fatores semântico-pragmático para esse tipo de categorização.

A categoria de posse em Mawé permite uma subclassificação semântica que se diferencia pela morfologia e pelo comportamento sintático em nomes alienáveis, nomes inalienáveis e nomes não possuídos; o contraste se manifesta no comportamento sintático e nos elementos pronominais da categoria de posse. A categorização de número marca singular vs. plural através do morfema formativo *-ria* e pela partícula *in* para nomes, cujo referente é [+humano] e pela partícula *ko'i*, quando o referente é [-humano]. A indicação de gênero é feita através de fatores contextuais e/ou inferidos semanticamente. O Mawé usa lexemas distintos para termos que indicam pessoas e terminologia de parentesco e, ainda, os termos *wary'i* 'fêmea/mulher' e *pa'iat* 'macho/homem' para entidades como animais. Também são classificados como membros da classe dos nomes as palavras *kan*, *kat* e *uwen* 'interrogativo/indefinido', tendo em vista que apresentam comportamento de nominais em funções argumentais e recebem marca morfológica típica dos nominais na língua, como o sufixo pluralizador *-ria*.

O processo de nominalização em Mawé é feito através de um conjunto de morfemas com diferentes funções e expressões. O morfema *-hat* é agentivo e deriva nomes através de verbos transitivos. O morfema *-hap* pode derivar nomes através de verbos transitivos e intransitivos; esses nomes pode indicar referentes como instrumentos de ação e lugares onde o evento ocorre, além de indicar processos que se refiram ao conteúdo semântico do verbo nominalizado. O morfema *mi-* deriva nomes de bases transitivas para indicar paciente/objeto da ação. O morfema *-wat* funciona como um nominalizador circunstancial que deriva nomes demonstrativos e que funcionam como adverbiais. A língua tem ainda um nominalizador atributivo *rakat* que ocorre com verbos intransitivos em Sa e So derivando nominais que recebem alguma atribuição dada ao sujeito. A sintaxe das nominalizações depende da valência e da subclasse da raiz que derivou o nominal e interfere diretamente na estrutura argumental da língua.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. Estratégias para a revitalização de línguas ameaçadas e realidade brasileira, *Cadernos de Linguística*, v.1, n.3, p. 01-44, 2020.

COMRIE, B. *Language universals & Linguistic typology*. Chicago: Chicago University Press, 1981.

- FRANCESCHINI, D. *La Langue Sateré-Mawé Description et analyse morphosyntaxique*. Tese (Doutorado em Linguística). Université Paris VII (Denis Diderot). Paris, 1999.
- GIVÓN, T. *Syntax*. A functional typology introduction. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, v. I, 1984.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985
- GREENBERG, J. H. The typologic method. In: SEBEEK, T. A. (ed.). *Diachronic, areal, and typological linguistic*. The Hague; Paris: Mouton, 1973. v. 11, p. 149-151.
- KAUFMAN & BERLIN. *South American indian language documentation project questionnaire*. University Pittsburgh & University of California at Berkeley, Ms, 1987.
- KIBRIK, A. E. *The methodology of field investigations in linguistic: setting up the Problem*. The Hague; Paris: Mouton, 1977.
- LYONS, J. *Semântica*. Trad. Wanda Ramos. Lisboa: Presença Editorial, São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- LEIPZIG UNIVERSITY. *The Leipzig Glossing Rules: conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses*. Disponível em: <http://www.eva.mpg.de/lingua/tools-at-lingboard/glossing_rules.php>. Acesso em 04 jan. 2021.
- MAIA, M. *Manual de linguística: subsídios para formação de professores indígenas na área de linguagem*. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- MEIRA, S. Stative verbs vs. nouns in Sateré-Mawé and the tupian family. In: ROWICKA, G.; CARLIN, E. (Ed.). *What's in a verb? Studies in the verbal morphology of the languages of the Americas*. Utrecht: LOT, 2006. p.184-214.
- MITHUM, M. Active/agentive case marking and its motivation. *Language* 67, p. 510-546, 1991.
- MONTE, N. L. Práticas e direitos: as línguas indígenas no Brasil. In: QUEIXALÓS, F. e RENAULT-LESCURE, O. (orgs). *As línguas Amazônicas hoje* São Paulo: Instituto Socioambiental, 2000, p.183-192.
- MUSEU NACIONAL – Setor Linguístico do Museu Nacional. (Organização e Objetivos). *Publicações Avulsas*. Rio de Janeiro, 1965.
- PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax*. A guide for field linguistic. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- RODRIGUES, A. D. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. São Paulo: *Ciência e Cultura* vol.57 número 2. São Paulo, 2005.

RODRIGUES, A. D. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani, São Paulo. *Revista Antropológica* vol. 27/28, Universidade São Paulo, São Paulo. p. 33-53, 1984/85.

SEKI, L. Kamaiura (Tupi-Guarani) as an active-stative language. In: PAYNE, D. *Amazonian linguistics: studies in Lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 367-392.

SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá: língua tupi-guarani do Alto Xingu*. Campinas; São Paulo: Editora da Unicamp; Imprensa Oficial, 2000.

SILVA, R.G.P. *Estudo morfossintático da Língua Sateré-Mawé*. São Paulo:Unicamp, 2010 Tese (Doutorado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Unicamp, Campinas, 2010.

SONG, J.J. *Linguistic typology morphology and syntax*. Edinburgh:Bristich Library, 2001.